

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

PERNA FINA E FRRUM-FUM

Por LEONOR DE CAMPOS



O Coelho Perna Fina regressava a casa, saltitante, bem disposto, a pensar que a vida era boa para quem, como ele, tinha saúde e alguns meios de fortuna. Mas, ao entrar na sua moradia, ouviu uns gritos afliativos que partiam do interior:

— «Ai quem me acode!... Ai a minha rica perninha!... Que há-de ser de mim agora, para aqui sózinho, sem ninguém que me acuda!...»

Perna Fina eriçou os bigodes, fungou duas ou três vezes e avançou resolutamente. E logo se lhe deparou um quadro desolador:

No meio da sala, estendido ao comprido, o seu tio velhinho, tão velhinho que já perdera a conta aos anos, chorava e gemia agarrado a uma perna.

Com mau modo, Perna Fina indagou:

— «O que tem? Aconteceu alguma coisa?»

— «Ai sobrinho!... Que desgraça a minha!... Cai de cima daquela pedra e parti uma perna!...»

— «E então é por isso que chora? Que tal está o valente!... A fazer uma gritaria destas por tão insignificante motivo!...»

— «Insignificante?! — gemeu o velhinho, indignado. — Tu sabes lá como estou aflito!... Tenho dores, muitas dores!... E além disso vou agora ficar para aqui inutilizado, sem poder mexer-me, durante alguns meses!...»

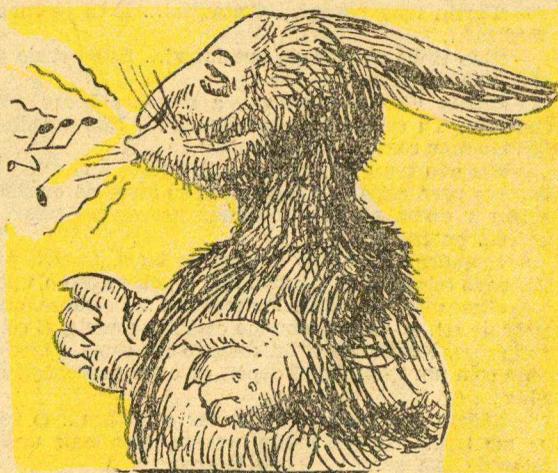
Perna Fina desatou a rir:

— «Mexer-se!... Ah... Ah!... Ah!... Mexer-se!... Quem o

ouvir há-de julgar que o tio costuma mexer-se muito, mesmo quando está bom das quatro pernas!... Ah!... Ah!... Ah!... Um preguiçoso que não faz nada, que não serve para nada, senão para comer o que eu trago para casa!... Ora deixe-se de cantigas!... Ou cante-as a quem o não conhecer!...

— «O' sobrinho! — suplicou o velhote — não sejas cruel!...

E' bem verdade que já não posso trabalhar muito!... Estou muito velho, não admira!... Mas lembra-te de que, enquanto foste pequenino, depois daquele desastre em que teus pais



perderam a vida, fui eu que te sustentei, que te amparei, que te eduquei...

— «Não faltava mais nada senão atirar-me ao fochinho com essas migalhas que me deu enquanto eu era pequeno!... Velho tonto!... Fez a sua obrigação!... E... sabe que mais? Basta de conversa!... vou deitar-me que tenho sono!...»

— «Espera!... Espera!... Antes de te ires deitar, ajuda-me a ligar a perna!... Olha que é indispensável!... Se estou mais tempo sem tratamento, pióro. E depois tenho que deixar cortar a minha rica perna!...»

— «Olha o perigo!... Se lhe cortarem essa, fica ainda com três!...»

E a rir, o malvado afastou-se... Mas não chegava ainda ao quarto, quando sentiu bater à porta:



Truz! Truz!... Truz, truz!...
 — «Que mais teremos?» — resmungou, mal humorado, o Perna Fina. E mais alto, perguntou:
 — «Quem é e que deseja?»
 — «Depressa, compadre!... Abre!... E' uma notícia grave e urgente!...» — disse lá de fora, a comadre Lebre.
 — «Faço idéia!... Há-de ser muito urgente!...» — resmungou Perna Fina.

E sem se apressar, foi abrir a porta. Dum salto a comadre Lebre entrou em casa. E, quasi sufocada, de cansaço e comção, indagou:

— «Teu tio? Onde está teu tio? Depressa!...»
 — «Mas o que foi, linda comadrinha? Diga lá!...»
 — «Deixemo-nos de brincadeiras!... E' caso muito sério... Teu tio?»

— «Está lá dentro, a gritar...»
 — «A gritar? Porquê?»
 — «Ora, porquê?... Porque é um choramingas!... Parece que partiu qualquer coisa... uma perna, se não me engano!...»
 — «Partiu uma perna?... Coitadito!... E tu já chamaste o médico?..»

— «Não tinha mais nada que fazer!... Estou cheio de sono!... Vou deitar-me!...»

— «Perna Fina! — exclamou, a comadre Lebre — Não é possível!... Tu estás a brincar comigo!... Não acredito que sejas tão mau como te estás a fazer!...»

— «Eu não sou mau, comadre. Sou justo... O velhote não me serve para nada!... Cá em casa só serve de embarço... Se tem a perna partida que ande nas outras três... E se morrer... enterra-se...»

A comadre Lebre não quis ouvir mais. Correu para a sala, onde estava ainda, prostrado, o pobre coelho velho.

— «Descanse, compadre Frum-fum!... Descanse, que vou tratar de si!...» — assegurou-lhe carinhosamente. E com mil precauções, levantou-o e foi deitá-lo na cama. Ligou-lhe a perna com um trapinho. E depois de o ter aconchegado, disse-lhe:

— «Agora vou num pulo chamar o médico... O assunto que me trazia cá, era muito urgente. Mas mais urgente é tratar da sua perna!... Logo falaremos!...»

E a boa Lebre, sempre a correr, dirigiu-se para a porta e depressa desapareceu.

Não tinha ainda decorrido muito tempo, quando apareceu de novo, acompanhada do doutor Moecho. Este desanimou o doente, diagnosticou, receitou e saiu.

A lebre, então fez ao Frum-fum os tratamentos aconselhados pelo médico.

E quando, depois de bem tratado, o viu mais sossegadinho, disse-lhe:

— «Agora, compadre Frum-fum, vamos ao meu caso:

Ontem, na Floresta Verde apareceu um enorme Lobo. A senhora Calva Calvez andava por ali, a passear os seus meninos. De repente salta-lhe o lobo ao caminho e sem mesmo lhe dizer «bom dia, abocanha-lhe o filho mais velho e foge com ele... Está claro: era uma vez um cabritinho!...»

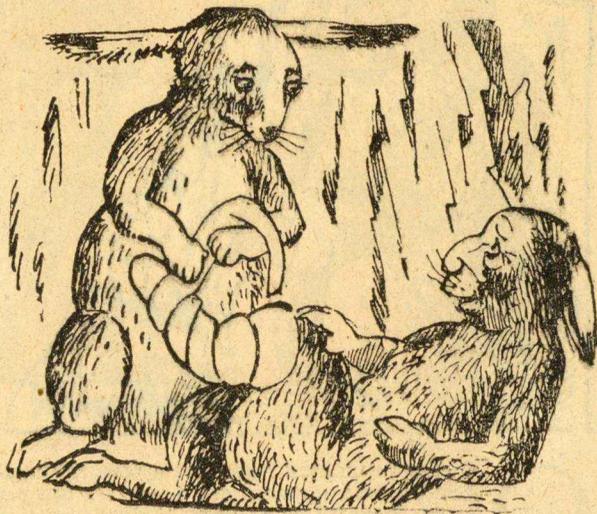
— «Olá!... Isso é um assunto sério!... — exclamou o velhote.

— «...Mas ainda não é tudo. Esta manhã desapareceu a Ovelha Lanzuda... O marido, aflito, procurou-a... procurou-a por toda a parte. Em vão... Pois há poucochito, o meu vizinho Melro, quando regressava a casa, avistou a pele da Lanzuda, já sem a dona dentro, a servir de cama ao tal senhor Lobo...»

— «Quere dizer: Papou-a...»
 — «Nem mais!... E está a ver, compadre Frum-fum, que isto não é brincadeira! Ontem, foi o Cabritinho... Hoje a Ovelha Lanzuda... Amanhã, será outro qualquer... E a nossa vez há-de chegar também!...»

— «E então?»

— «Então, a mãe do tal Cabritinho, o marido da Lan-



zuda e mais alguns bichos, aterrorizados pela idéa de poderem cair nas unhas do Lobo, foram a minha casa e disseram-me: — Lebre Lebisca: Tu que és comadre, prima e amiga, do Coelho Frum-fum, e o bicho mais indicado para este serviço, vai ter com ele e pede-lhe que nos salve!... Nós sabemos que só ele, porque é muito velho e tem portanto o saber e a experiência que a nós falta, nos poderá salvar!... Ele que nos diga o que devemos fazer, para nos livrarmos do Lobo.

E aqui estou eu, querido Compadre, a cumprir a missão de que me encarregaram...»

Frum-fum ouviu, sem interromper, o arrazoado da Lebre. E ficou-se depois a pensar.

Pensou, pensou e por fim exclamou:

— «Táte!... Já sei!... Há uma forma certa e segura de acabar com esse Lobo de má morte... Ora escute...»

O JAGUAR

Por MANUEL FERREIRA

NUMA vasta floresta do Canadá, vivia um homem, chamado António, que para ali viera, de longes terras, em pesquisa do ouro.

Fôra-lhe dito por um chefe pele-vermelha que, segundo as lendas, naquele bosque devia existir o tão precioso metal. Contudo, havia muito que o procurava, sem resultado positivo.

Desesperado, António pensava já em regressar à terra. Batera a floresta em tôdas as direcções e nem uma pedra ou torrão vira com a característica côr amarela e brilhante, a seduzi-lo.

Quantas vezes maldizia êle aquele pele-vermelha dos demónios que, certamente, o estaria troçando.

Onde estava o ouro? Apenas na sua imaginação...

Uma noite, quando António repousava, ouviu uivar. Julgando ter sido ilusão sua, esperou uns momentos mas,

dentro em pouco, novos uivos aflitivos se ouviam. Então, surpreendido, abriu a porta, cautelosamente, e depa-rou um jaguar (espécie de tigre), perto da soleira.

Era pequeno mas de olhar límpido e muito vivo. Uivava dolorosamente.

O lenhador, esquecendo-se de que estava diante de uma fera, levou-o para a choupana onde viu que o jaguar estava todo ferido e coberto de chagas. Imediatamente, tratou do animal, lavando-lhe as feridas e envolvendo-as em ligaduras.

Como se fôsse um cão, a ferazinha mostrou-se imensamente grata. Dias depois, António abriu a porta para que o jaguar fugisse para os matos mas, com grande admiração sua, o animal, pela tardinha, voltou, abanando, alegremente, a cauda. Nos dentes trazia uma lebre.

António afeiçoou-se ao jaguar que ficou a viver na cabana, dando pelo nome de «Jim».



Passava a acompanhar o seu dono, para tôda a parte. Rara era a vez em que não trazia caça ou pesca.

*
* * *

Tempos depois, quando António saía com o jaguar, êste, que era já um animal possante, viu, entre o mato, uma enorme serpente a qual, pressentindo o perigo, desatou a fugir.

Imediatamente, o jaguar correu em sua perseguição.

António corria, também, mas, em certa altura, reparou em que o jaguar suspendia a corrida, pois tinha perdido a pista da serpente. O lenhador aproximou-se e viu que, aqui e além, entre a mata, havia estrelinhas amarelas, muito lindas e brilhantes. Nunca para ali fôra e, sorridente, quasi incrédulo, subiu a uma árvore.

O que viu, maravilhou-o. Diante dos seus olhos, tinha um enorme campo de ouro!

O pele-vermelha não lhe havia mentido. E fôra o jaguar que descobrira tão preciosa fortuna, pagando, assim, o bem que o lenhador lhe fizera.

■ F I M ■



CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS

Conforme prometemos no nosso número anterior, abaixo publicamos a lista dos concorrentes que, em virtude da apresentação artística das respectivas cadernetas, mereceram também do Júri uma referência especial:

Vitorino Moreira Alcobia, José de Jesus Gonçalves, Pedro Bernardes, Maria Gabriela B. Frazão, Fernando Costa, Maria Isabel Vieira Pereira, Maria Fernanda de Sousa Chaves, Fernando Venancio Peixoto da Fonseca, José Augusto Gomes Assis de Almeida, Amílcar Ponte de Abreu, Jorge Celestino da Costa Croner, Jorge da Silveira Damiano Bri-

gada, Maria Barbara Horta Travêlho, Gabriel Ferreira Freitas, Alvaro Palmela Ferreira da Cunha, Manela Marques Caetano, Idalina S. Ferreri de Gusmão, Joaquim Augusto Moreira da Silva Nunes, Joaquim das Neves Gênrriques, João Ribeiro Machado Joaquina Maria dos Prazeres, Euzébio Duarte Galrad, Elsa do Carmo Madeira, Guilherme dos Santos Pinheiro, Fernanda de Pina Gonçalves, Francisco Alfredo Maria, Zelinda Rosa Graça Luas Maria Rosalina Ramos de Jesus, Francisco Quaresma de Almeida, Leonor dos Anjos de Oliveira e Maria Fernanda Travassos Valdez.

O FURTO DA MAÇÃ

Por VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA

Avadiar na rua com os garotos, é que Luís se sentia bem. E assim se tornou tão traquinas, que fazia o desgosto do pai e da mãe.

Um dia, que era feriado no colégio, mandaram-no brincar no jardim com a proibição de sair dali.

O Luís obedeceu.

Mas, daí a pouco, viu uma borboleta, muito linda, que lhe apeteceu para a sua colecção.

Logo correu atrás dela,

Quando estava quasi a deitar-lhe a mão, a borboleta, num vôo rápido, saiu do jardim.

Esquecendo as ordens dos pais, o pequeno abriu a cancela que deitava para a estrada, sempre seguindo o insecto que, por fim, pousou na borda dum poço.

Com mil cautelas, Luís aproximou-se mas vendo-a, outra vez, fugir, atirou-lhe com o boné.

Em lugar de cair sobre ela, este caiu dentro do poço.

A-pesar-de ter em grande aprêgo o boné, Luís continuou na caçada.

A borboleta ora pousava em ramos, arbustos ou flores, ora voava, fazendo-o correr e desesperar...



Ao vê-la desaparecer para dentro duma quinta, cercada dum muro alto, o rapaz ficou furioso. Conseguiu, com muito custo, meter os pés num buraco, a meio do muro e arranhando as mãos e a cara, fazendo no fato uns poucos de rasgões, passou para o outro lado.

Mas já não viu a cubiçada borboleta.

Em compensação, pendente de uma maceira, baluçava uma apetitosa maçã.

Sem mais pensar na borboleta, Luís mirou o belo fruto, ansioso por apanhá-lo.

Aproximou-se da árvore, pôs-se nos bicos dos pés, para lhe chegar, e — forçoso é dizer a feia palavra — furtou-a.

Apenas a sentiu na mão, teve remorsos do que acabava de fazer.

De boa vontade, tornaria a pegá-la ao ramo. Olhou em volta desconfiado e disse alto, guardando o fruto no bolso.

— «Ninguém viu!»

— «Viu-te Deus!» — bradou uma voz tremenda, que o Luís julgou vinda do céu. Trémulo de medo, tornou a olhar para todos os lados. Ninguém!

Sentiu bulha.

Era um grande cão que avançava, com a boca escancarada, pronto a morder-lhe. Correu para o buraco e deu um salto para o outro lado.

Mas não o fez tão depressa que o canzarrão deixasse de lhe arrancar um pedaço das calças.

Mais morto que vivo, sentou-se debaixo duma árvore a descansar.

Levou a mão à algibeira à procura da maçã.

Não a achou, nem tão pouco a algibeira. Tinham ficado, com certeza, nos dentes do cão!

E lembrou-se do que lhe dissera aquela voz. Tanto Deus o tinha visto que já começava a castigá-lo.

Quando ia a entrar em casa, sem saber como havia de se desculpar por se apresentar naquele estado lastimoso, encontrou-se com o caseiro da quinta fronteira que resmungou com mau modo:

— «Ande, vá ter com seu pai e sua mãe!... Já sabem que têm um filho larápio.»

O Luís ficou tão cheio de medo, que por um pouco não caiu desmaiado.

À porta da casa, estava o pai. Ao vê-lo, lavado em lágrimas, disse-lhe, severo:

— «Vejo que estás arrependido da feia acção que praticaste mas eu não posso perdoar-te. Entrar assim na propriedade alheia para fazer um furto!... Retira-te da minha presença. Amanhã falaremos.»

Muito desgostoso, Luís foi pedir à mãe que lhe valesse.

Ela não quiz ouvi-lo, mas vestiu-lhe outro fato, deu-lhe de comer e mandou-o para a cama, uma hora mais cedo do que era costume.

Na manhã seguinte, o pai chamou-o.



HOJE, QUINTA FEIRA:
INAUGURAÇÃO da EXPOSIÇÃO das CADERNETAS ARTISTICAS do
CONCURSO dos PALÁCIOS e MONUMENTOS na

SUCURSAL DE «O SEculo», NO ROSSIO

O MENINO PORTENTO

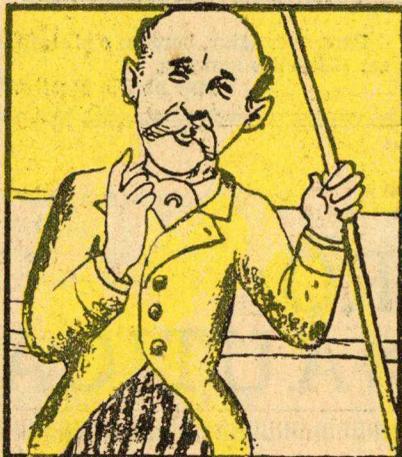
Por
FELIZ VENTURA



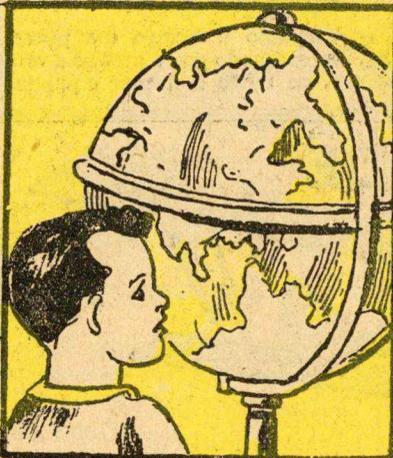
Na aula de geografia,
Certo dia, o professor
Diz assim para o Zezinho,
Sorrindo, com bom humor:



— «Ora oiça, meu menino,
Como é muito inteligente,
Vou fazer-lhe uma pergunta
Mas responda prontamente.



Preste, pois, muita atenção
Ao que eu lhe vou perguntar:
— Diga-me porque será
Salgada a água do mar? —



Vamos, pense um bocadinho
Na resposta que vai dar
Para, depois, com juízo
Nos poder isto explicar.»



Mas Zezinho, prontamente,
Sem atender a ninguém,
Exclama: «Porque de môlho
Muitos bacalhaus lá tem».

Submisso, o pequeno seguiu-o, onde ele o quiz levar que foi, nem mais nem menos, à presença do dono da quinta, a quem o pai de Luís disse estas palavras:
— «Deus castigou-me, dando-me um filho que me envergonha. Aqui lho trago. Confessa ter furtado uma maçã da sua quinta. Dê-lhe o castigo que quizer.»

O dono da quinta, respondeu:

— «Sinto deveras que tenha um filho com tão más tendências. Peço-lhe que se ele alguma vez tornar a fazer qualquer acção desprezível, lhe dê como castigo o lembrar-lhe a maçã que me furtou.»

Ao ouvir estas palavras, Luís tremeu como um vime, porque lhe pareceu ouvir a mesma voz que junto da macieira, lhe tinha dito as terríveis palavras:

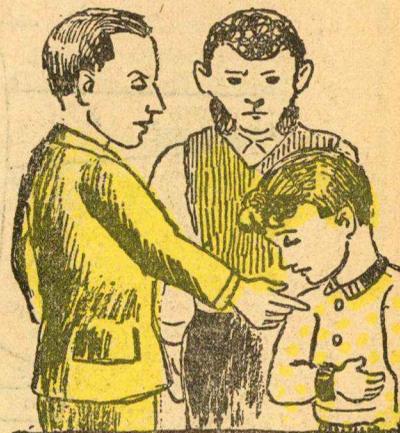
— «Viu-te Deus!»

Assim era, efectivamente.

Dum caramanchão da quinta, o homemzinho vira-o apanhar o fruto e dera-lhe aquele aviso.

É inútil dizer que o pequeno nunca mais tirou nada a ninguém e quando no colégio algum dos companheiros ficava, por brincadeira, com o lápis ou a caneta dos colegas, logo os censurava desta maneira:

— «Fazes hoje por graça, o que amanhã podes fazer por vício. Queres vir a ser o que há de pior no mundo — um ladrão?»



O CESTINHO da COSTURA

SECCÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas

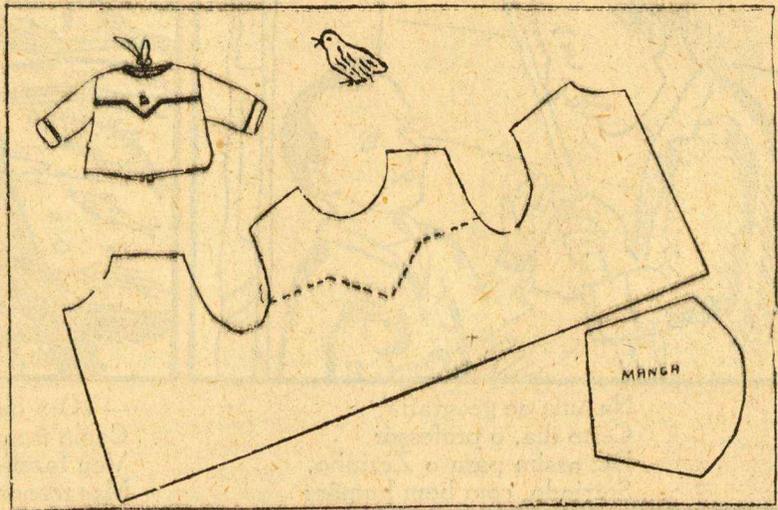
Ao fatinho publicado no último «Cestinho da costura», segue-se um pequenino «chambre» para as vossas filhas usarem à noite, ao deitar, pois assim dormem muito mais comodamente e poupam mais os fatos e bibes-que só devem trazer de dia.

Qualquer pano branco ou de côr, serve para executá-lo. Apenas duas peças o compõe:

A manga é uma tira onde se talha o jeito das cavas e pescoço.

Na gravura, parece que o «chambre» tem um corte no peito mas assim não é. Apenas está simulado, devido ao enfeite.

A mesma renda que guarnece os punhos e pescoço, põe-se também na parte da frente, seguindo o desenho que, no molde, está com traçinhos. O punho também se torna muito fácil de

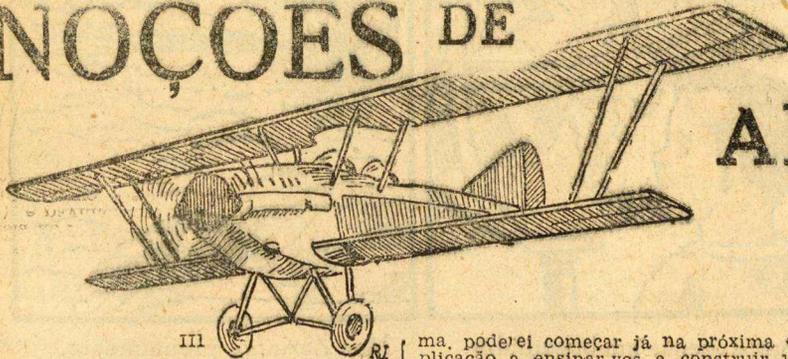


fazer, cortando a manga um pouco mais comprida do que é preciso e voltando-a, de modo a formar o punho.

Para completar, bordam o pintaíno em «filoselle» amarelo.

Vossa Abelha Mestre.

NOÇÕES DE



AERO NAUTICA

POR R. J.

Vou hoje interromper a explicação que vinha dando para dar-vos a conhecer o nome das partes essenciais do avião e definir-vos os elementos com que é costume caracterizá-lo. Desta for-

ma, podeis começar já na próxima explicação a ensinar-vos a construir um pequeno avião sem motor, igual áqueles que vedes habitualmente nos documentários cinematográficos. Construido este que voa apenas com a velocidade que lhe é imprimida lançando-o com uma

figa (aquêl objecto com que costumais cometer a barbaridade de matar os passarinhos), passaremos então a construir um com motor e hélice. Acompanharei, é claro, estes ensinamentos práticos com a respectiva parte teórica, para que as coisas não sejam feitas no ar... apesar de estarmos tratando de aviões.

É sempre conveniente conhecermos as coisas pelo seu verdadeiro nome e, para começar desde já a mencionar as partes do avião pelos nomes estabelecidos, dá-los-ei imediatamente a conhecer.

Reparem, pois, na fig. IX. Temos representado um avião visto por cima. Como já sabem, A representa a asa. A asa pode ser constituída por duas partes, colocada uma de cada lado do corpo do avião B a que chamaremos fuselagem, ou constituir uma parte única que é colocada sobre a fuselagem e ligada a ela pelos montantes. Se o avião tem só uma asa, diremos que esse avião é um monoplano; se tem duas, que é um biplano; e se por acaso tem mais do que duas (o que é raro) diremos que é um multiplano.

A distância ab que separa as extremidades da asa denomina-se envergadura; a distância cd, profundidade; o bordo da asa ac eb, bordo de ataque e o bordo ed df, bordo de fuga.

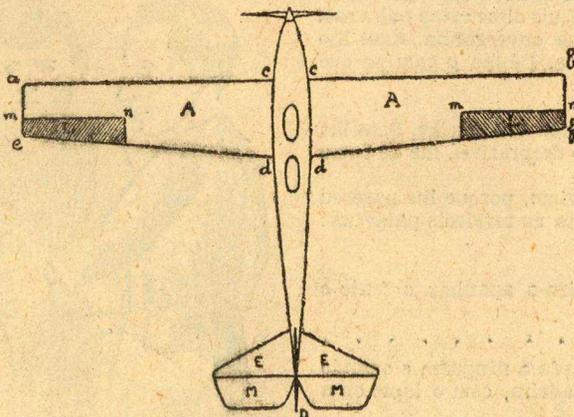


Fig. IX

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



28

Tendo-lhe o rei D. José
Confiado todo o poder,
Fez coisas que, até então,
Nunca se vira fazer.

Condenou à negra morte
Quem tentou o rei matar
E no país, quási morto,
O progresso fez entrar.

Montou fábricas famosas,
A Agricultura animou
E a Indústria e a Marinhã
Quási que ressuscitou.

Quando, um dia, um terramoto
De luto Lisboa encheu,
Êle fez secar os prantos
E nova cidade ergueu.

Teve, é certo, êrros tremendos
Mas fez muito a Portugal,
Por isso sempre se fala
Sôbre o



29

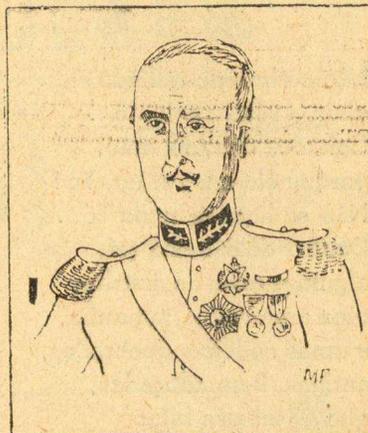
Boémio mais que famoso,
Poeta mais que imortal,
Foi um dos que mais honraram
O nome de Portugal.

Versos mais lindos que estrêlas,
Do que as pérolas e o luar,
Saíam da sua bôca
Em torrentes de espantar.

Mil ditos cheios de graça
Contínuamente dizia.
Onde quer que se encontrasse,
Nunca faltava a alegria.

Foi infeliz, morreu pobre?
Sempre assim tem que se dar,
Pois o Génio e a Desgraça
Caminham, no mundo, a par.

Ainda hoje a sua musa
Só doçura infinda esparge.
Há de ser sempre lembrado
O grande vate



21

Militar forte e valente,
Que nunca soube recuar,
A favor da Liberdade
Muito teve que lutar.

Sôbre o Alto da Bandeira,
Em que muito se lutou,
Veio uma bala traiçoeira
E um braço lhe espedaçou.

Mas não largou o seu pôsto,
Nem mostrou que tinha dôr.
Continuou a lutar
Com igual brilho e valor.

A par de tão grande heroísmo
Tinha a bondade mais pura;
Por isso, quando ministro,
Aboliu a escravatura,

Mostrando que Portugal
Vai sempre na dianteira.
Bendito, pois, sempre seja
O

AVISO — Em virtude de um salto de numeração que se deu por lapso, publicamos nesta série os versos correspondentes à figura N.º 21, que deverá ser colada na respectiva ordem.

Explicuemos: — o *bordo de ataque* é aquele que «corta» o ar; o ar contorna a asa pelas suas partes inferior e superior e escoá-se pelo *bordo de fuga*. A profundidade *cd* é, como se vê pela fig. IX, a largura máxima da asa.

Nas extremidades da asa e do lado do bordo de fuga existem uns lemes *L* que se denominam *lemes de asa* (representados na fig. IX a mais escuro) e que têm a propriedade de fazer inclinar lateralmente o avião, em vôo. Todos repararam já que, quando um avião descreve uma curva — dá uma volta — se inclina para o lado interior da curva, quer dizer, a ponta da asa do lado interior da curva baixa e a ponta do lado do fora sobe, mantendo-se o avião à mesma altura.

Para melhor compreensão das restantes partes do avião explicuemos uma descolagem e uma curva em vôo. A fig. X mostra o avião visto de lado.

O avião corre no campo accionado pela hélice. Adquirida certa velocidade, o como ela, e com um ângulo de incidência conveniente, dividido em duas par-

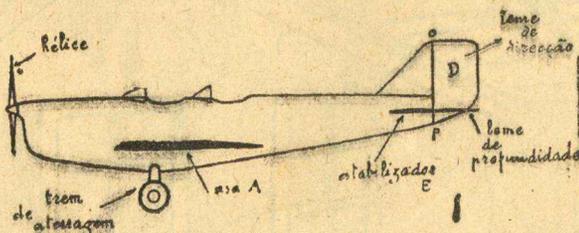


Fig X

estabilizador E, que é um planco horizontal à asa, mas muito mais pequeno, fixo

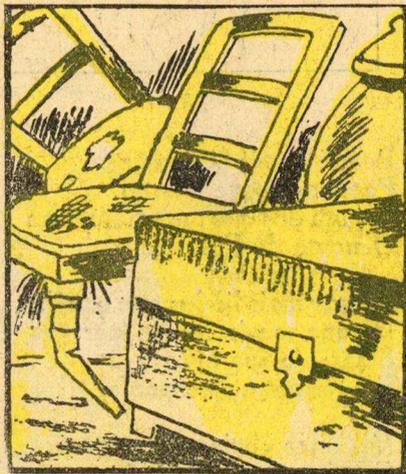
tes, uma colocada de cada lado da extremidade traseira da fuselagem, faz com que a cauda se erga e o avião começa a correr perfeitamente horizontal.

CEU AZUL

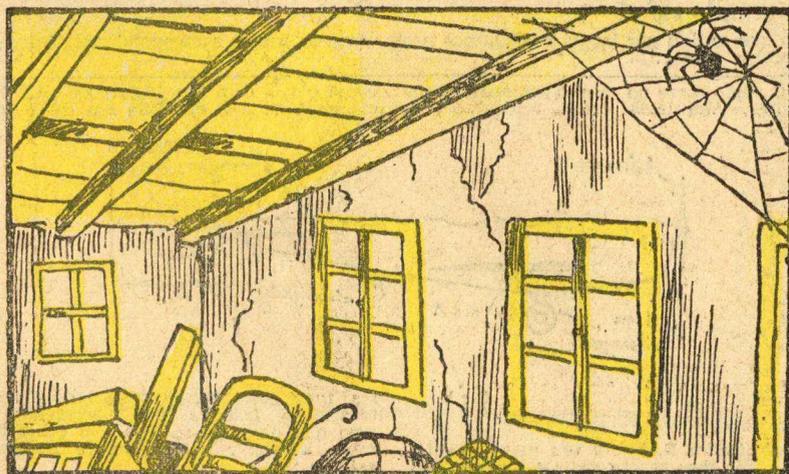
Por LAURA CHAVES

Lá no cimo do telhado,
vivia o sótão, coitado...
Coitado, coitado, não,
porque êle era um felizão!
Não se achava nada só...
Dentro dêle havia pó,
algumas teias de aranha,
uma arca velha, tamanha,
e umas cadeiras quebradas,
antigas, bem educadas,
que só sabiam falar
das pernas a dar, a dar,
da sua palha arrombada...
da doença costumada.
Nem achava mau aquilo
de fazerem dele asilo.
Também tinha coisas belas:
três espaçosas janelas
por onde podia olhar
o céu, a terra e o mar.
E no fundo, a um cantinho,
uma fresta, um postiguiño,
com quem nunca se importava
pois nunca por êle olhava.
O postiguiño apoucado,
vivia muito vexado...
Era triste o seu destino
por ser assim pequenino...
Mas, um dia, certa aranha,
tôda sonsa, tôda manha,
começou fazendo a teia,
muito preta, muito feia,

que logo os vidros tapou
e o postiguiño cegou.
Houve obras no prédio ao lado.
Foi um andar levantado
e as três janelas rasgadas
tiveram de ser tapadas.
Ao ver-se assim às escuras,
ai que dias de amarguras



o pobre sótão passava!
Lá dentro, tudo abafava,
tinha-se acabado o mundo!
Mesmo as cadeiras sem fundo,
não falavam nas mazelas,
falavam só nas janelas!
Dizia o pó num discurso,
mais danado do que um urso,
contra êsse caso imprevisto:



— Eu nasci para ser visto! —
e suspirava de borco:
— Nem vale a pena ser porco! —
Certa vez, alguém amigo,
limpou da teia o postigo
e num pronto a claridade,
alegremente, à vontade,
ali dentro se instalou
e logo tudo mudou!
As cadeiras, tagarelas,
já falavam das mazelas...
O pó fazia um vistão,
desde o teto até ao chão.
E o sótão, lá no telhado,
olhava, maravilhado,
êsse quadrado de céu
que o postiguiño lhe deu.
Assim, de noite e de dia,
tiveram sempre alegria.

Que a sorte nos venha dar
também a nós um lugar
donde a gente possa ver
céu azul até morrer.

F

I

M